

14. Um "eu" arrastado

Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, nos lembra que "o tempo é superior ao espaço" (EG 222). Escreve: "Dar prioridade ao tempo significa ocupar-se *em iniciar processos mais que possuir espaços*" (EG 223).

O tudo-imediatamente da cultura dominante hoje, é uma ilusão de possesso da realidade espaço-temporal. Um detalhe dominado agora, um instante dominado de imediato, dá a ilusão de possuir o infinito e o eterno *sem desejá-los*, sem esperá-los, isto é, sem abrir-se, sem abrir o coração e a vida a um abraço da realidade que não se tranca em nós mesmos, porque a realidade é infinitamente maior. Mas o homem foi criado para ser capaz de possuir através do desejo, da abertura àquilo que o ultrapassa, e que não pode segurar em suas mãos. E é a consciência do "eu" como desejo do infinito, que parece estar corroído pelo andamento da cultura contemporânea. Vivemos inconscientes de si, inconscientes de que a questão do sentido, torna a vida excelente, dá gosto, beleza e felicidade.

No romance de Shūsaku Endō, *O Silêncio*, quando Pe. Rodrigues finalmente encontra padre Ferreira, um apóstata, e percebe toda a sua confusão mental e espiritual, em um certo momento pergunta: "É feliz?" E Ferreira, surpreendido com esta pergunta, responde: "Quem?" E Rodrigues deve lembrá-lo: "O senhor!" (traduzido da edição italiana: Shūsaku Endō, *Silenzio*, Ed. Corbaccio, Milano 2017, pg. 157).

Endō consegue, em dois breves diálogos, retratar a perda do sentido do "eu" no qual uma pessoa pode se afundar, traindo o desejo de felicidade, que dava sentido a toda a vida, vocação e missão. É o contrário da cena descrita por São Bento no Prólogo, onde Deus grita na multidão "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?", e um homem responde "Eu!". Padre Ferreira nem mesmo entende que a questão sobre a felicidade é dirigida a ele, diz respeito a sua pessoa, seu coração.

Logo Ferreira se refaz da surpresa, ou se quisermos da sua falta de preparação de defender sua imagem e sua máscara, da flecha sutil e rapidíssima da pergunta sobre a felicidade. Consegue recolocar a máscara, recolocar diante do coração ferido pelo desejo de felicidade, o escudo de uma justificação ideológica, do qual se sente forte e armado:

«Novamente uma chama brilhou no olhar provocador de Ferreira: "No conceito de felicidade existem vários tipos de fatores subjetivos."

"Não era isto que costumavas dizer..." foram as palavras que saíram dos lábios do padre [Rodrigues] para serem imediatamente sufocadas. Afinal, ele não estava lá para censurar Ferreira, por ter apostatado e traído os discípulos. Não provava nenhum desejo de irritar a ferida profunda que se aninhava sob a superfície da mente do outro, e que este tentava calar.» (Ibidem)

Quando se reduz o "eu", se reduz o conceito de felicidade e vice-versa. Dizer que "no conceito de felicidade existem vários tipos de fatores subjetivos" significa negar que a felicidade seja uma experiência maior que o "eu", isto é, dada ao "eu", e que lhe revela ter sido feito para o que o supera, para o infinito, e assim também a dimensão do "eu" tende ao infinito. A verdadeira felicidade dá ao ser a experiência de possuir o infinito, sem reduzi-lo a si mesmo. Ao invés, uma felicidade gerada por fatores subjetivos, não é experiência de algo maior, e isto reduz o "eu" fechando-o em si, e fechado em si o "eu" se sufoca, se torna inconsistente, até o ponto de não saber mais se afirmar e dizer "Eu!", ao chamado à vida e à felicidade.

O oposto da ascese proposta por São Bento, desde o início de sua Regra, quando promete que "mais se avança na vida monástica e na fé, mais se percorre o caminho dos mandamentos de Deus, com o coração dilatado (*dilatato cordis*) na inenarrável doçura do amor" (RB Pról. 49).

Li recentemente, depois de quase quarenta anos, um romance de Graham Greene, lido no ensino médio para a prova final de inglês, *A Burnt-Out Case, Um caso queimado*. O protagonista é um arquiteto famoso que foge da fama e das mulheres, nauseado de tudo, tentando esquecer de si em um leprosário na África. Um dia, confessa ao médico do leprosário:

«"A auto expressão é algo cruel e egoísta. Devora tudo, também o "Eu". No fim, se descobre não ter sequer um "Eu" para expressar. Não há mais nada que me interesse, doutor (...)."

"Não tem filhos?", [lhe pergunta o médico].

"Os tive, mas desapareceram no mundo há muito tempo. Nos perdemos de vista. A auto expressão devora no homem também o pai."»

(Traduzido da edição inglesa: Graham Greene, *A Burnt-Out Case*, Viking, 1961, pp. 51-52).

Esta perda do sentido do "eu" pelo homem, traindo o próprio desejo de felicidade, esta perda do "eu" maduro, adulto e fecundo, expressa na paternidade, a encontramos também em Don Abúndio de *Os noivos*, um padre de uma aldeia que, por medo, concordou em apoiar a prepotência de um fidalgo, para impedir o casamento dos jovens noivos, Renzo e Lúcia. A genialidade de Alessandro Manzoni consegue caracterizá-lo em algumas linhas, por exemplo, quando o cardeal Federigo Borromeo, o manda procurar na sala lotada de padres, para enviá-lo com Inominado, um vilão cruel convertido há pouco, para libertar Lúcia, que tinha sido sequestrada:

"Saiu do meio da multidão um: - eu? - Arrastado, com uma entonação de pasmo.

- Não és o pároco de ***? – Retomou o capelão.

- Sim, sou eu mesmo; mas...

- Sua Senhoria ilustríssima e reverendíssima deseja lhe falar.

- Comigo?" (Capítulo XXIII)

Quem trai o desejo de felicidade, que estava na origem de sua missão, o senso de sua vida, não consegue mais a situar com certeza o próprio "eu" diante da realidade, não consegue mais dizer "Eu!" com o ponto de exclamação. O máximo que consegue dizer, mais forçado que por convicção, é um "eu?" ou "comigo?" arrastados, cheios de dúvidas, com um ponto de interrogação, que graficamente também dá a impressão de encerrar no seu próprio "eu", o tímido, duvidoso e forçado apresentar-se na realidade que o interroga, o chama. Manzoni parece pensar na Regra de São Bento quando escreve: "Saiu do meio da multidão um: - eu? - Arrastado". Fala de uma "multidão", embora padre Abúndio estivesse apenas na sala da casa de um pároco, de uma aldeia lombarda, na companhia de um grupo de sacerdotes. Don Abúndio não queria ser retirado da "*multitudo populi*", onde estava tranquilo, protegido pelo anonimato, protegido pelo não desejar nada, por não ter que responder nada a ninguém.